

Era uma vez ...

estava com o seu filho, à mesa, e combinaram que ele faria primeiro os trabalhos de casa e depois teria um tempinho para jogar no computador. Um pouco mais tarde, entrou no quarto dele para lhe levar um copo de leite, e viu que ele já estava a jogar com os trabalhos ainda por fazer... Parece-lhe que o seu filho procedeu bem? Ou procurará explicar-lhe o valor do compromisso entre duas pessoas, da verdade no que se diz e da confiança que une as pessoas, da transparência das intenções...?

Mas a minha crónica de hoje é sobre o debate António Costa / Rui Rio, do passado dia 16 de Setembro. Desde então muito se falou, muito se escreveu. As palavras e os gestos dos debatedores foram dissecadas até à exaustão e as interpretações estenderam-se num largo espectro em que tudo teve lugar. Ficou à margem apenas um facto... Aquele que mais me interessa porque não se esgota na decisão política do aqui e agora em relação a esta questão particular e concreta, mas revela o carácter que acompanha cada um e o aconselhará todos os dias em relação a todos os problemas.

Rui Rio saiu do debate. Os jornalistas cercaram-no e ele informou que não prestava declarações de acordo com o combinado por ambos. Os jornalistas assediaram-no com perguntas e ele reiterou que haviam combinado não prestar declarações. Os jornalistas escoltaram-no até ao carro e Rui Rio, com um sorriso, disse que cumpriria o combinado não prestando declarações.

Saiu depois António Costa. Os jornalistas cercaram-no e ele começou de imediato a falar. Os jornalistas animaram-se e continuaram a colocar perguntas e António Costa continuou a dizer o que queria e como queria. Os jornalistas acompanharam-no até ao carro em que António Costa demorou a entrar entusiasmado com o seu discurso.

Entre aqueles jornalistas – e eram tantos – entre todas as perguntas – e foram tantas – não houve uma única sobre o compromisso que teria feito com Rui Rio em não prestar declarações...

No estúdio, um painel de comentadores e jornalistas notáveis, a questão do compromisso foi aflorada tão rápida e superficialmente quanto foi descartada. Surpreendi-me...? Sim. Mas mais surpreendida fiquei quando ouvi os notáveis pronunciarem-se não só acerca da irrelevância da questão como elogiarem a postura de António Costa, para quem não há regras, muito menos em campanha eleitoral. Ele ia lá perder mais uma oportunidade para ter tempo de antena?!

Alguém deve explicar aquele pai que está errado, que o compromisso já não vale, que a verdade e a confiança se tornaram anacrónicas, que a transparência se toldou definitivamente... Alguém lhe deve explicar que agora são as circunstâncias que ditam as acções, que são os interesses de cada um que justificam as opções e que os fins particulares justificam qualquer meio desde que beneficie o próprio... Ou então teremos de admitir que os princípios éticos que se aplicam na nossa vida colectiva quotidiana, não se aplicam aos políticos, uma casta à parte a quem a moral dos cidadãos não diz respeito.

Lamento, mas não estou disponível para admitir que os políticos vivem no domínio do amoral, que estão acima do escrutínio ético dos cidadãos. Eu julgo-os, e julgo mal aqueles que não cumprem compromissos. Para mim, são actos como estes que deviam decidir o voto. A honradez acompanha sempre a pessoa e o oportunismo também: só que, com honradez, sabemos sempre qual será o rumo da governação, com oportunismo, nunca!

M. Patrão Neves

www.mpatraoneves.pt